

ENRAIZAMENTO E RENDIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO NOS SÉCULOS XVI E XVII: UMA LÍNGUA SEM FRONTEIRAS PARA DEMARCAÇÕES CULTURAIS

Carlo PELLICCIA¹⁵

RESUMO

Esse artigo tem como objectivo evidenciar o fenómeno do enriquecimento do léxico que se criou entre a língua portuguesa e a língua japonesa nos séculos XVI e XVII, por meio da introdução e assimilação de alguns empréstimos linguísticos pertencentes a vários âmbitos e áreas do saber. Será analisado, de maneira específica, o trabalho e a contribuição dos missionários europeus, sobretudo dos membros da Companhia de Jesus, através de uma análise do códice Reg Lat. 459 conservado na Biblioteca Apostolica Vaticana, o qual é atribuído ao jesuíta português Manoel Barreto (1564-1620), cuja redação em *rōmaji* (letras romanas) é datada de 1591. Evidenciaremos, também, o fenómeno da expansão e da importância da língua portuguesa durante as viagens marítimas rumo às Índias Orientais durante aqueles séculos, a qual será um instrumento e um veículo de comunicação que permitiu estabelecer o diálogo e o conhecimento entre os dois mundos, o Ocidental e o Oriental, longe e distantes entre si, não somente do ponto de vista geográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Termos linguísticos emprestados - intercâmbio comercial - missão jesuítica - língua de fronteira - veículos de comunicação

O Português é hoje falado, como língua materna e/ou como língua oficial, em Portugal, no Brasil, nos países africanos de língua oficial portuguesa, em Timor e em Macau. Línguas crioulas de base lexical portuguesa foram (e são ainda hoje para algumas) a língua materna de comunidades diversas, em África, na América do Sul e na Ásia. Dezenas e, nalguns casos mesmo, centenas de palavras de origem portuguesa, consequência do contacto directo de falantes seus com as mais variegadas gentes, são ainda de uso corrente em línguas tão distintas como o Japonês, o Quicongo, o Bahasa indonésio, o Suaíli, o Tetum, o Tupi, o Concani, o Malaio, o Singalês e muitas outras línguas, cuja enumeração exaustiva cansaria certamente o leitor (Tomás, 2008: 432).

15 Doutor em *Storia e cultura del viaggio e dell'odeporica nell'età moderna* no Departamento de Ciências Humanas, da Comunicação e do Turismo (DISUCOM) da Università degli Studi della Tuscia in Viterbo (Italia). carlo_pelliccia@libero.it

Introdução

A chegada, a bordo de um junco chinês, de alguns mercadores portugueses que, acidentalmente, desembarcam na ilha de Tanegashima em 1543, marca o início do encontro e do diálogo que se instaura entre as civilizações portuguesa e japonesa (Lidin, 2002), que dura cerca de um século, até que o *bakufu* Tokugawa (1603-1867) decide afastar definitivamente estes europeus do arquipélago em 1639¹⁶.

Os contactos entre portugueses e japoneses começam a tornar-se mais frequentes, não apenas em virtude da presença de mercadores e de navegadores empenhados numa rentável actividade comercial, mas também através da chegada dos membros da Companhia de Jesus que, a partir de 1549, com a ajuda de alguns neófitos, procuram instituir a primeira comunidade católica no País (Boxer, 1951). Os jesuítas, sob o padroado régio, contribuíram, também graças à conspícua presença de missionários de nacionalidade portuguesa, para a introdução de diversos aspectos e peculiaridades dessa cultura e, portanto, dessa língua. Matsuda Kiichi defende que:

Portugal has contributed in many different ways to Japanese civilization. The Portuguese who came to Japan were missionaries, sailors and merchants. The sailors and merchants were mainly concerned with business and rarely left the port. We may say, therefore, that Portugal's contribution came mostly from the missionaries (Matsuda, 1965: 97).

O diálogo que se instaura entre estas duas realidades culturais deixa, assim, uma marca tangível, que toca vários campos do saber e que conduz a um crescimento social e cultural, que permite ampliar os próprios conhecimentos e englobar aspectos novos e desconhecidos. Este processo de interacção cultural afecta, de um modo particular, o campo linguístico, onde se regista o ingresso, nos séculos XVI e XVII, de numerosas palavras portuguesas no vocabulário nipónico e, paralelamente, de alguns termos japoneses no vocabulário português.

A rendição dos termos portugueses

Num estudo de Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca, o qual proporciona uma

16 A última embarcação portuguesa deixa o porto de Nagasaki a 3 de Agosto de 1639 com a proibição de qualquer barco japonês (Malena, 1995: 19).

ampla bibliografia sobre a temática, são individuados vários campos e categorias (tendo em conta a contribuição de Tai Whan Kim, publicado em 1976), onde é possível rastrear a presença de empréstimos do português. Estes penetram em diversos âmbitos, do vestuário à cozinha, incluindo algumas tipologias de doces, da botânica à zoologia, do comércio e meios de transporte às construções e mobiliário, e ainda da medicina e veterinária à geografia, sobretudo topónimos (da Fonseca, 1992: 173-202). Elencando rapidamente alguns exemplos, procura-se analisar concretamente o que acabámos de referir, ou seja, que o elemento português vai enriquecer a língua e da civilização nipónicas e, como tal, contribuir para o seu crescimento. De facto, estes anos caracterizam-se pela introdução de novos produtos de vários géneros e de novas tecnologias. Paralelamente, deve observar-se igualmente o processo de transliteração que envolve esses vocábulos, os quais são assimilados e transcritos de acordo com as regras e os parâmetros da fonologia japonesa.

JAPONÊS	PORTUGUÊS
Karuta	Carta
Juban/Jiban	Gibão
Tenpura	Tempero
Pan	Pão
Konpeitō	Confeito
Tabako	Tabaco
Perikan	Pelicano
Kapitan	Capitão
Batēra	Bateira
Beranda	Varanda
Barusamu/barusamo	Bálsamo
Miira	Mirra
Porutogaru	Portugal
Oranda	Holanda
Igirisu	Inglês/Inglaterra

Deve precisar-se, ainda que com brevidade, que este fenómeno de assimilação de empréstimos linguísticos não diz respeito exclusivamente ao japonês, tanto assim que parece ter sido uma peculiaridade que se manifestou em diversas línguas orientais, como demonstra Shihan de Silva Jayasuriya em *The Portuguese in the East: A Cultural History of a Maritime Trading Empire*, especialmente no capítulo *Portuguese*

Expansion and Language Contact, no qual a autora, servindo-se também das pesquisas de Sebastião Rodolfo Dalgado (1855-1922), afirma que os vocábulos portugueses foram “adoptados” por mais de cinquenta línguas asiáticas, entre as quais «I have also included Portuguese borrowings in Divēhi, Urdu¹⁷, *Bahasa Malaysia* (Malaysian) and *Bahasa Indonesia* (Indonesian)» (Jayasuriya, 2008: 72).

Não se esqueceu igualmente de mencionar a presença no japonês de termos portugueses relativos ao mundo cristão, até porque estes representam um número elevado e assim pode afirmar-se que o contributo mais relevante é levado precisamente pelo “jargão” eclesiástico e missionológico.

Ana Paula Laborinho escreve num seu artigo:

Também João de Barros, no *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*, publicado em 1540 juntamente com a *Gramática da Língua Portuguesa*, defende o valor do português, atribuindo-lhe uma função na estratégia imperial mas associando outra finalidade: a difusão do cristianismo (Laborinho, 1994: 371).

A difusão da língua portuguesa encontra-se ligada, assim, não apenas ao fenómeno da colonização (ainda que o Japão não fizesse parte do império português) ou ainda à actividade mercantil que vê nos portugueses os protagonistas deste tempo, mas também e talvez sobretudo à difusão do cristianismo. Na nascente comunidade católica japonesa a língua portuguesa torna-se, bem cedo, um veículo de comunicação (língua veicular), instrumento através do qual é possível entrar em contacto com a população local. Assim, o português torna-se língua de referência também para os jesuítas de outras nacionalidades, como espanhóis e italianos. Isto não significa que estes fossem pouco atentos e interessados em estudar e assimilar a língua local e a acolher, ainda que com dificuldade e às vezes com distanciamento, os usos, tradições e costumes do País.

Inicialmente, a tradução de algumas orações cristãs, o Credo e os mandamentos, que se realiza graças à colaboração de Francisco Xavier (1506-1552) (Gouveia, 2005) e do neófito Anjirō (De Rosa, 2005: 548), apresenta a adopção de termos budistas da seita Shingon com a finalidade de exprimir realidades cristãs (Cohen, 2013: 25). Mas, cedo, os missionários apercebem-se que certas escolhas tradutivas não podem veicular características basilares da doutrina cristã: de facto, é fácil cair no risco de gerar

17 Mohsin Khan afirma que «Loanwords from Portuguese in Urdu are far older than English loans, and function like native Urdu words with a little phonological change or without any change in the original form of the words. These changes occur due to the process of ‘nativization’, which means the pronunciation, and sometimes the morphology, is changed to match the regular patterns of the recipient language» (Khan, 2014: 248).

misunderstandings ou equívocos, que não só tornam uma comunicação ineficaz, como contribuem para anunciar “realidades estranhas”. Talvez o exemplo mais conhecido e mais apropriado seja o da tradução do termo *Deus*, fixado inicialmente como *Dainichi* pelo cristianizado Paulo de Santa Fé, mas substituído pouco depois pelo próprio Xavier pelo vocábulo latino *Deus* (Kim, 2004: 81). A fonetização desta palavra *Deusu*, da qual é introduzida a forma *Daiusu*, causará não poucas dificuldades, dado que esta última se assemelha à expressão *Dai uso*, que significa “grande mentira”.

Com a chegada ao Japão em 1552 do português Baltasar Gago (1515-1583)¹⁸ inicia-se um processo, ou melhor, uma política, por volta de 1555, de “não tradução” (Cieslik, 1954; Higashibaba, 2001: 8-9): colher certos vocábulos das línguas ocidentais com o objectivo de exprimir os elementos fundamentais da própria fé¹⁹. Parece que esta consideração foi partilhada também pelo jesuíta João Rodrigues (1562-1633)²⁰, o Intérprete (*Tçuzu*), o qual defende que o melhor modo de executar tal procedimento seria o de pedir emprestado termos do português visto que a pronúncia (mas também no campo das sílabas) das duas línguas era, de certo modo, semelhante. Algumas vezes, porém, recorre-se à utilização de palavras latinas. Em ambos os casos, como já referimos, os termos são “acomodados” à fonética do idioma de chegada (Zwartjes, 2011: 118-119). De facto, Rodrigues escreve um memorando intitulado: *Método de introdução de vocábulos estrangeiros, em vez dos que faltam em japonês e forma de os pronunciar* (Pires, 1994: 52).

Eis alguns exemplos de termos pertencentes ao mundo cristão:

JAPONÊS	PORTUGUÊS
Bateren	Padre
Iruman	Irmão
Kirishitan	Cristão
Kurusu	Cruz
Misa	Missa
Rozario	Rosário
Sakramento	Sacramento

18 Colabora na elaboração do catecismo japonês: *Nijūgo Kagyō* (I 25 capítulos): (Ruiz-de-Medina, 2001:1549).

19 Parece que o jesuíta português, no âmbito das escolhas de tradução, terá fornecido duas propostas. Esta seria a outra: «uma seria adoptar os termos budistas e dar-lhes seguidamente uma interpretação cristã (como se fez no domínio da antiga cultura da Grécia)» (Pires, 1994: 51).

20 Sobre a biografia e trabalhos deste jesuíta linguísta, veja-se: (Zwartjes, 2011:94-98).

São, assim, diversas as palavras de matriz cristã utilizadas durante os anos de difusão da “religião estrangeira” no arquipélago, ainda que alguns estudiosos defendam que algumas delas começam já a não ser usadas durante os primeiros anos do governo Tokugawa por causa da perseguição que os *shōgun* lançam contra a comunidade católica. Em consequência, com o afastamento definitivo dos missionários, muitas palavras tornaram-se obsoletas. Actualmente, são poucos os vocábulos de origem portuguesa que são utilizados no País. De facto, a maior parte foi substituída por termos sino-japoneses, alguns dos quais eram originariamente palavras budistas; outras, no entanto, eram neologismos relativamente recentes e, ainda, provenientes da assimilação de empréstimos de outras línguas estrangeiras. Alguns dos empréstimos ibéricos são, ainda, utilizados apenas pela historiografia e assim no âmbito literário e histórico-crítico referente à missão católica na Terra do Sol Nascente durante o “século cristão” (1549-1650).

Os *gairaigo* atinentes ao mundo cristão: o códice Reg. Lat. 459

Toma-se em exame o códice Reg. Lat. 459, sem título, mencionado no catálogo da Biblioteca Apostolica Vaticana (a partir daqui BAV), onde se conserva, como *Manuale di preghiere e lettura in lingua giapponese*. No frontispício, apresenta a assinatura de Manoel Barreto (1564-1620) (Machado, 1762: 193-194), bem como a data do final da compilação do volume de 1591 (Schütte, 1940). Neste ponto não é necessário determo-nos a acompanhar o percurso deste manuscrito do Japão para a Europa até chegar à biblioteca da rainha Cristina da Suécia (1626-1689) para ser ulteriormente incorporado na BAV, nem muito menos recordar os principais eventos da biografia deste jesuíta português, originário da Feira, chegado ao Japão em Julho de 1590. Não é tampouco necessário determo-nos a recordar as dúvidas e perplexidades que surgem sobre a paternidade do códice, nem as hipóteses do local em que se desenrolou o trabalho de cópia, uma vez que alguns defendem que dois terços da miscelânea (contendo 391 fólios, dos quais 5 fólios iniciais ou internos e 4 fólios finais em branco) teriam sido transcritos entre Goa e o Japão (Schwemmer, 2014: 477).

Deve-se, ao invés, indicar que esse códice, de natureza doutrinal e catequética,

redigido em *rōmaji* (letras romanas),²¹ é composto por quatro trabalhos, entre os quais uma história de uma cruz milagrosa descoberta na véspera de Natal de 1589 na cidade de Obama (Kyūshū), uma recolha de passagens evangélicas do ano litúrgico, alguns milagres recebidos por intercessão da Virgem Maria e biografias breves de 32 santos (Russo - Pelliccia, 2015: 80).

O elemento no qual queremos deter a nossa atenção, especificamente, é a presença da língua portuguesa no manuscrito, que se manifesta seja no aspecto lexicológico, através de numerosos empréstimos, seja mediante algumas páginas escritas nesta língua, como por exemplo o índice dos milagres e, ocasionalmente, glosas e anotações rastreadas nas margens. Ao mesmo tempo, deve recordar-se que esse idioma é utilizado também para escrever a dedicatória que aparece no frontispício (Russo, 2011: 454) e para escrever a maior parte dos títulos das secções com os respectivos parágrafos, entre os quais: *Historia breve da cruz que milagrosamente apareceu em Jappão* (fl. 1) e *Vidas gloriosas de alguns Sanctos E Sanctas* (fl. 164), bem como para alguns índices *Index das Dominicis S. Evangelhos de todo o anno que aqui estão Escriptos* (fl. 108).

A maior parte dos termos portugueses que aparecem no *Manuale* estão, então, inseridos com a finalidade de exprimir os elementos fundadores e caracterizadores da doutrina católica. De facto, a presença conspícua dessas palavras mostra a ânsia justificada da língua japonesa de transmitir a verdade europeia. Existem vocábulos relativos a festividades religiosas como *Natal* (fl. 1v) e *Pascoa* (fl. 22); a alguns sacramentos como, antes de mais, a própria palavra: *Sacramento* (fl. 319v), *Baptismo* (fl. 5v) e *confissão* e, ainda, termos ligados à liturgia e às várias práticas religiosas como *altar* (fl. 7v), *anima* (fl. 40), *graça* (fl. 81v), *gloria* (fl. 82), *inferno* (fl. 82), *iustiça* (fl. 82). Encontram-se, além disso, nomes de personagens bíblicas e figuras relevantes das Sagradas Escrituras, a começar com o vocábulo *Evangelho* (fl. 4v), e continuando com: *Judeo* (fl. 5v), *Herodes* (fl. 5v), *Phariseo* (fl. 5v), *pastor* (fl. 7), *Evangelista* (fl. 8), *anjo* (fl. 8v), *discipolo* (fl. 8v), *profeta* (fl. 45), antes ainda aparece *Isaia profeta* (fl. 5v), *publicano* (fl. 35v), *filho* (fl. 57), *Judas Escariotes* (fl. 61v), *Pilatos* (fl. 69v), *Centurio* (fl. 77), *Apostolo* (fl. 91v), *Christão* (fl. 116), *martir* (fl. 225v), e personalidades do mundo eclesiástico: *Pontifice* (fl. 60), *Papa* (fl. 182) e *Bispo* (fl. 182). São diversos os

21 É uma técnica promovida pelos próprios jesuítas, difundida no País precisamente a partir de 1591 com a publicação de *Sanctos no gosageo no vchi nvqigaqi*, que parece ser o primeiro *kirishitan-ban* (edições cristãs) realizado com a imprensa de Kazusa, instituída no ano anterior (Ward, 2015: 493).

nomes geográficos e em seguida os topónimos, que se podem dividir em lugares bíblicos vetero e neotestamentários: *Calvario* (fl. 2v), *Bethania* (fl. 5v), *Jerusalem* (fl. 5), *Jordão* (fl. 5v), *Galilea* (fl. 6), *Bethlem* (fl. 7), *Cafarnau* (fl. 36), *Nazaret* (fl. 68), *Babilonia* (fl. 203) e os de localidades e nações principalmente europeias: *Egipto* (fl. 8v), *Oriente* (fl. 126v), *Italia* (fl. 136) *Loreto* (fl. 136), *Roma* (fl. 142), *Hispania* (fl. 185v), *Portugal* (fl. 325). Um bom contributo é dado também pelos antropónimos: *Bartholomeu* (fl. 1v), *João* (fl. 1v), *Helias* (fl. 5v), *Pedro* (fl. 84), *João Baptista* (fl. 172), *Paulo* (fl. 164), *Isidoro* (fl. 193), *Bernardo* (fl. 199), *Martinho* (fl. 325v), *Marcillino* (fl. 325v).

Muitos destes vocábulos entram na língua japonesa como empréstimos de necessidade, ou palavras tomadas da língua de origem com o objectivo de exprimir elementos e conceitos anteriormente desconhecidos, dos quais não existe um correspondente na língua de chegada. Portanto, eles têm uma funcionalidade e um valor bem claro e definido: veicular realidades novas e, de seguida, enriquecer o vocabulário e, em consequência, o património cultural da língua e do país de acolhimento. É necessário afirmar que algumas palavras portuguesas presentes no códice não eram particularmente estranhas e distantes do vocabulário nipónico: basta pensar nos lemas *filho* e *justiça*, os quais podiam ser tranquilamente vertidos para japonês. Parece, no entanto, que o desejo do tradutor, ou dos tradutores, foi o de comunicar plenamente, sem incorrer no perigo de provocar incompreensões e erros de tradução, a verdade e autenticidade da doutrina cristã. Um outro caso interessante, respeitante desta vez à língua latina, foi analisado por Patrick Schwemmer: «Another Latinate loanword holds a clue to the historical function of this text. In the “Meaning of the Passion,” Japanese *buchi* [whip], used earlier in the dialogue, is replaced by *disciplina* as a word for “whip.”» (Schwemmer, 2014: 474).

Seguramente, é possível considerar este códice como um exemplo emblemático da metodologia de “não tradução” da qual já falámos, onde a língua japonesa se entrelaça e se encontra com a portuguesa e com a latina²², bem como pela inclusão das páginas, índices, e anotações à margem em língua portuguesa, que são o sinal da importância e do papel fundamental que detém esse idioma nestes anos.

22 A língua portuguesa, como já referido, é colocada ao lado da latina, de facto, no texto, é possível rastrear diversos termos: *Pontio Pilatus* (fl. 5v), *Scripturam* (fl. 4v), *Domine* (fl. 57), *crux* (fl. 81v), *disciplina* (fl. 81v), *Ecclesia* (fl. 162) e também algumas expressões, entre as quais *Prima dominica adventus* (fl. 4) e *Effectus Angeli Custodis* (fl. 102v).

A presença de palavras portuguesas e latinas nos *kirishitan shiryō*, isto é, nos materiais e nas fontes cristãs é, contudo, uma constante e, se quisermos, uma característica peculiar desta literatura. Também o *Dochiriina Kirishitan*, publicado em Kazusa em 1591²³, a mesma data do nosso manuscrito - considerado, além disso, o primeiro catecismo para os japoneses - que se baseia no texto *Doctrina Christã Ordenada a maneira de Dialogo, pera ensinar os meninos...*²⁴, composto pelo jesuíta português Marcos Jorge (1524-1608) (Higashibaba, 2001: 56), contém 161 vocábulos ocidentais transliterados em *hiragana*. Mas parece que a edição de 1600 em *kokujii* editada em Nagasaki, apresenta algumas modificações tanto estruturais como linguísticas, com o objectivo de tornar o texto mais compreensível, pelo que as palavras transliteradas do português e do latim são em menor número em relação às da primeira edição. Os tradutores deste trabalho, todavia, tentaram inserir mais termos nipónicos e, para certos vocábulos, é apresentada a dupla versão: em japonês e transliterada e em alguns casos depois da palavra transliterada é inserida uma explicação em japonês (Tollini, 1997: 325-359)²⁵. De tudo isto ressalta uma consideração: é provável que os jesuítas, uma vez mais fautores deste trabalho tradutivo, tenham decidido alterar a sua própria metodologia linguística e assim recorram mais frequentemente à utilização de termos japoneses, com a intenção de oferecer uma maior compreensão do manual catequético, procurando, no entanto, ter atenção para não cair em mal-entendidos e, consequentemente, a não “trair” a mensagem da língua de origem.

A rendição dos termos japoneses

Retomando as palavras de Luís Filipe Thomaz: «O português é, visivelmente, a

23 Since 1591, the *Dochiriina Kirishitan* どちらいなきりしたん (“The Christian Doctrine”), published “for the purpose of popular edification” (Higashibaba 2001: 53), became the standard Japanese catechism for evangelisation work. It was printed by the Jesuit printing press and distributed among the missionary personnel all over Japan, which amounted in 1592 to about 600 people. (Higashibaba 2001: 72). In contrast to Xavier’s catechism it did not include the refutation of Japanese religions; rather, it contained modifications and additions to the Portuguese original as a response to problems or questions arising in Japanese encounters with Christian theology. (Higashibaba 2001: 56-64): (Schrimpf, 2008:40-41).

24 *Doctrina Christã Ordenada a maneira de Dialogo, pera ensinar os meninos, pelo Padre Marcos Jorge da Companhia de Iesu, Doutor em Theologia*, impresso em Lisboa em 1566.

25 Foi igualmente importante a comunicação de José Miguel Pinto do Santos com o título *Mincing words: the Vocabulary of the Dochirina Kirishitan (1591)*, apresentada no congresso internacional *Interactions between Rivals. The Christian Mission and Buddhist Sects in Japan during the Portuguese Presence (c. 1549-c. 1647)*, realizado a 13 e 14 de Março de 2015 em Lisboa.

língua europeia que mais influências asiáticas apresenta no seu vocabulário» (Thomaz, 2010: 95). O autor defende que a língua portuguesa apresenta no seu vocabulário diversas palavras relativas a certas realidades asiáticas, algumas retiradas do japonês, e assim é possível afirmar, como já fizemos na introdução, que se trata, antes de mais, um fenómeno de interacção cultural.

O famoso jesuíta Luís Fróis (1532-1597), autor de *História de Japam*, do qual se conservam 111 cartas todas em língua portuguesa (20 autógrafas e as restantes divididas entre originais ditados e assinadas pelo mesmo jesuíta e cópias posteriores) e ainda 11 cartas em castelhano (das quais 4 autógrafas) e 8 redigidas em italiano (5 originais e 3 traduções), recorre algumas vezes, para a composição dos seus documentos, à utilização de orientalismos, frequentemente substantivos que se podem considerar um exemplo concreto e um sinal tangível do seu contacto directo com as línguas naturais das diversas regiões do Oriente. Como defende Eduardo Javier Alonso Romo, que se ocupou do estudo da língua utilizada pelo jesuíta em 6 textos consideravelmente longos que se estendem de 1552 a 1557, durante a sua permanência na Índia e em Malaca, muitos dos termos de origem oriental usados pelo missionário lisboeta penetraram no português em finais do século XV e primeira metade do século seguinte (Alonso Romo, 2000: 818-819; 828). É provável que o filólogo espanhol faça referência também à política de expansão da potência portuguesa para alguns países da África Occidental e Oriental.

Através da apresentação de algumas palavras mostra-se que cada encontro e tentativa de diálogo entre dois mundos diversos e distantes contribui para uma fase de enriquecimento recíproco da cultura e da língua enquanto expressões peculiares e identificativas de um povo. Partimos do termo bonzo, do japonês *bōzu* o *bōnzu* ou ainda *bonsō*, que parece ter sido utilizado pela primeira vez pelo capitão português Jorge Álvares (?-1552) e pouco depois por Francisco Xavier na chamada “Grande carta” que escreve a 5 de Novembro de 1549 aos seus companheiros residentes em Goa. Segundo o já citado Dalgado, parece que este termo foi precedentemente utilizado, em 1545, por Fernão Mendes Pinto (c. 1509-1583) na sua famosa *Peregrinação* (Dalgado, 1919: 138), obra publicada postumamente em Lisboa, em 1614. Passamos agora à palavra biombo, do japonês *byōbu*, que designa os painéis dobráveis de papel ou seda que se difundem particularmente durante a época Azuchi-Momoyama (1573-1603) e nos inícios do período Tokugawa (Kraemerová - Gaudeková, 2014: 97) e, seguidamente, a catana de *katana* (com as variantes catanada e catanar), que designa a típica espada dos

samurais. Paralelamente, a estes é possível localizar ainda outros, sempre associados ao património sócio-cultural nipónico, como dáimio de *daimyō*:

“Great name”. A title given to lords governing large territories and commanding a large number of vassals (*kenin*) starting in the Muromachi period, although the term was used in the eleventh century to designate major landowners, civil or military. At first used only for military men, in the Edo period it was applied to all owners of estates whose annual revenue was equal to or above 10,000 *koku* of rice (Frédéric, 2002: 141).

Também xógum de *shōgun* literalmente “comandante do exército” e, por fim, dógico²⁶, de *dōjuku*, vocábulo de derivação budista que, com o advento dos missionários estrangeiros, ganha um alargamento semântico. De facto, vai designar os colaboradores leigos e portanto os catequistas que ajudavam os sacerdotes nas várias obras de pregação. Alguns deles manifestavam, depois, o desejo de entrar na Companhia, tornando-se, na maior parte, *iruman* (irmãos coadjutores) (Ruiz-de-Medina, S.J., 1999; Leão, 2013). Citamos também, ainda que rapidamente, chávena de *chawan*, que parece ser uma palavra sino-japonesa; xintó ou sintó de *shintō*, haraquiri de *harakiri*, ainda que pareça que esse termo seja utilizado especialmente a partir da segunda metade do século XIX; e quimono de *kimono*, do qual são assinaladas algumas variantes, entre as quais *quimão* e *queimão*.

Uma ulterior referência é à palavra *sacana*:

O termo português *sacana*, tão prolífero que dele derivam *sacanice* e o verbo *sacanear*, parece igualmente ser de origem japonesa. É sabido que, em japonês, *sakana* além, de «peixe» quer dizer «peixeiro». Nesta última acepção podia ter passado pejorativamente para o português, dado que esta palavra de calão significa, entre outras coisas, «mau; pulha; desleal». (da Fonseca, 1992: 175).

O português: uma língua de demarcação cultural

No processo de expansão pelas vias marítimas no Oriente durante os séculos XVI e XVII, o português parece ser uma língua sem fronteira para demarcações culturais, utilizada nas realidades asiáticas não apenas pelos portugueses, mas também por muitos governadores locais, que se empenhavam nos contactos com os europeus

26 Parece que esta palavra não se encontra no vocabulário da língua portuguesa.

(Cardeira, 2010: 82). É possível considerar, portanto, esse idioma como *lingua franca*, uma vez que espanhóis, holandeses e ingleses²⁷, estantes no Japão no final do século XVI e nos inícios do seguinte (respectivamente 1592, 1609²⁸, 1613) se servem deste canal para instaurar iniciais contactos e para encetar as primeiras relações comerciais (Boxer, 1950²: 58).

Murakami Naojirō defende que: «Os espanhóis, holandeses e ingleses, que mais tarde vieram ao Japão, usavam a linguagem familiar aos japoneses. Por esta razão, o português passou a ser a *lingua franca* no Japão» (Murakami, 1942: 37). Isto foi igualmente defendido por Tai Whan Kim no volume *The Portuguese Element in Japanese: A Critical Survey with Glossary*, no qual refere que: «Portuguese served as a *lingua franca* in Japan until the early part of the eighteenth century despite the fact that the last Portuguese were forced to leave Japan in 1639» (Kim, 1976: 9). E, ainda, Silva e Álvares que afirmam:

A língua portuguesa era a *lingua franca* no Japão, bem como em outras partes do Oriente desde meados do século XVI e continuou a sê-lo até meados do século XVIII, embora os Portugueses tivessem sido forçados a abandonar o arquipélago nipónico em 1639 e tivessem sido substituídos pelos Holandeses e Ingleses que, no entanto, eram obrigados a usar o português nas suas relações com o povo japonês (Silva - Álvares, 1986: 15).

Por fim, Marcos Bagno na sua *A Língua de Eulália: Novela Sociolingüística* escreve:

— Muito importante, sim senhora — responde Irene. — Antes que o francês se transformasse na língua mundial, no século XVIII, e o inglês, no século XIX, foi o português que desempenhou este papel. A partir da segunda metade do século XV ele já era falado nas regiões costeiras da África Ocidental. No século XVI, estava disseminado por todo o Oriente. Era tão importante que mesmo os navios de exploradores de outros países, holandeses, franceses e ingleses, levavam sempre uma ou mais pessoas que soubessem falar português, para estabelecer contato com os povos nativos, que usavam o português como língua de comunicação com os europeus... (Bagno, 1997).

27 Parece que durante os dez anos (1613-1623) de presença da potência inglesa no Japão nenhum termo tenha sido introduzido na língua. Gillian Kay afirma: «The study 'Nihon no Sankōtoshō' (Reference Books on Japan'), published by Nihon Toshokan Kyōkai (Japan Association of Libraries) in 1980, showed that over half the 25,000 loanwords in *Kadokawa's Loanword Dictionary* entered the language after World War Two, most of them from English. Since 1945, aided by an expanding mass media, thousands of English loanwords have been absorbed into Japanese» (Kay, 1995: 68).

28 A 19 de Abril de 1600 chega acidentalmente o primeiro navio holandês ao Japão (na costa de Bungo): «William Adams, a Cornishman who arrived as pilot of the Dutch ship *Liefde* in 1600, remained in Japan until his death in 1620» (Jansen, 2000: 72).

Assim se pode perceber que os holandeses, ou seja os únicos europeus que permaneceram no Japão durante o período de isolamento (*saikoku jidai*) promulgado por Tokugawa Iemitsu (1604-1651), utilizassem a língua portuguesa para continuar as suas actividades e relações. De facto, alguns vocábulos portugueses entram no japonês também através de uma língua intermediária, muitas vezes o holandês. Mas, por outro lado, deve-se considerar as várias tentativas que, simultaneamente, os próprios holandeses implementam para que a língua portuguesa seja paulatinamente esquecida pela população local e seja, embora em pequenas doses, absorvido o seu próprio idioma. Não se deve esquecer a consistente presença de empréstimos que a língua nipónica obtém naqueles anos do holandês e que, em parte, são utilizados ainda hoje²⁹.

O contacto linguístico entre o português e o japonês, iniciado neste segmento temporal compreendido entre os séculos XVI e XVII, tem repercussões ainda hoje, através da sinalização de empréstimos linguísticos em ambos os idiomas que são, por um lado, expressões perceptíveis de um encontro enriquecedor e construtivo entre dois mundos diferentes e, por outro lado, uma lembrança dos antigos esplendores da potência comercial, marítima, colonial e missionária do império português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alonso Romo, Eduardo Javier. 2000. La lengua portuguesa en Oriente a través de las cartas de Luís Fróis. In Carrasco González, Juan M. - Fernández García, M.^a Jesús - Madeira Leal, María Luisa Trindade (Orgs). Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera, 1^{er} Encuentro de Lusitanistas Españoles, Cáceres 10, 11 y 12 de noviembre de 1999, II. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 817-835.

Bagno, Marcos. 1997. A Língua de Eulália: Novela Sociolingüística. São Paulo: Editora Contexto.

Boxer, Charles Ralph. 1950². Jan Compagnie in Japan, 1600-1850. The Hague: Martinus Nijhoff.

Boxer, Charles Ralph. 1951. The Christian Century in Japan, 1549-1650. Berkeley-London: University of California Press.

Cardeira, Esperança. 2010. O Português no Oriente e o Oriente no Português. In Tocco, Valeria (a cura di). L'Oriente nella lingua e nella letteratura portoghese. Pisa: Edizioni ETS, p. 81-93.

²⁹ Earns defende que durante o período de isolamento do Japão face ao resto do mundo entraram no Japão mais de 700 empréstimos holandeses (Stanlaw, 2004: 48).

- Cohen, Doron B. 2013. *The Japanese Translations of the Hebrew Bible: History, Inventory and Analysis*. Leiden-Boston: Brill.
- Cieslik, Hubert, S.J. 1954. Early Jesuit Missionaries in Japan (II): Balthasar Gago and Japanese Christian Terminology. *Missionary Bulletin*, v. 8. Tōkyō, p. 82-90.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo. 1919. *Glossário Luso-Asiático*, I. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- De Rosa, Giuseppe S.I. 2005. “Aprire vie nuove al Vangelo”. *San Francesco Saverio, missionario in Oriente*. *La Civiltà Cattolica*, a. 156, v. 4. Roma: La Civiltà Cattolica, p. 541-554.
- Fonseca, Fernando Venâncio Peixoto da. 1992. Os lusismos na língua japonesa. *Estudios Orientais*. (Actas do Colóquio O Ocidente no Oriente através dos descobrimentos portugueses), v. 3. Lisboa: Instituto Oriental, p. 173-202.
- Frédéric, Louis. 2002. Daimyō. In *Japan Encyclopedia*. Tradução Käthe Roth. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, p. 141-142.
- Gouveia, António Camões. 2005. O Europeu Francisco Xavier (1506-1552), um dos fundadores da Companhia de Jesus (1540), missionário no Oriente (1542-1552). *Oriente* n. 13. Lisboa: Fundação Oriente, p. 58-69.
- Higashibaba, Ikuo. 2001. *Christianity in Early Modern Japan: Kirishitan Belief and Practice*. Leiden-Boston-Köln: Brill.
- Jansen, Marius B. 2000. *The Making of Modern Japan*. Cambridge: Harvard University Press-Belknap Press.
- Jayasuriya, Shihan de Silva. 2008. *The Portuguese in the East: A Cultural History of a Maritime Trading Empire*. London: Tauris Academic Studies.
- Kay, Gillian. 1995. English Loanwords in Japanese. *World Englishes*, v. 14, n. 1. Oxford: Wiley-Blackwell, p. 67-76.
- Khan, Mohsin 2014. Phonological Make-up of Portuguese Loanwords Incorporated into Urdu. *Language in India*, v. 14, n. 3, p. 240-248.
- Kim, Sangkeun. 2004. *Strange Names of God: The Missionary Translation of the Divine Name and the Name and the Chinese Responses to Matteo Ricci's Shangti in Late Ming China, 1583-1644*. New York: Peter Lang.
- Kim, Tai Whan. 1976. *The Portuguese Element in Japanese: A Critical Survey with Glossary*. Coimbra: Suplemento V da Revista Portuguesa de Filologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Kraemerová, Alice - Gaudeková, Helena. 2014. Folding Screens in the Japanese Collection of the Náprstek Museum. *Annals of the Náprstek Museum*, v. 35, n. 2. Prague: Náprstek Museum, p. 95-135.

Laborinho, Ana Paula. 1994. A Questão da Língua na estratégia da evangelização: as Missões no Japão. In Carneiro, Roberto - Matos, Artur Teodoro de (Orgs.). O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão (1543-1993), (Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993). Lisboa: Barbosa & Xavier Ltda, p. 369-390.

Leão, Jorge Henrique Cardoso. 2013. Os jesuítas e a participação dos auxiliares Japoneses na missão nipônica (1549-1614). Revista Angelus Novus, v. 4, n. 6. São Paulo: Universidade de São Paulo, p. 57-74.

Lidin, Olof G. 2002. Tanegashima: The Arrival of Europe in Japan. Copenhagen: NIAS Press.

Machado, Diogo Barbosa. 1762. P. Manoel Barreto. In Bibliotheca lusitana Historica, Critica, e Cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente, III. Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues, p. 193-194.

Malena, Giuseppina. 1995. I gesuiti italiani missionari in Giappone nel «secolo cristiano». Notizie bio-bibliografiche su fonti e studi in lingue occidentali. Il Giappone, v. 35. Roma: Istituto Italiano per l'Africa e l'Oriente, p. 19-33.

Matsuda, Kiichi. 1967. The Relations Between Portugal and Japan. Lisbon: Junta de Investigações do Ultramar.

Murakami, Naojirō. 1942. Portugal e o Japão. Tóquio: Sociedade Luso-Nipônica.

Pires, Benjamin Videira S.J. 1994. Baltasar Gago, SJ e a terminologia cristã do Japão. In Carneiro, Roberto - Matos, Artur Teodoro de (Orgs.). O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 anos de amizade Portugal-Japão (1543-1993), (Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993). Lisboa: Barbosa & Xavier Ltda, p. 49-54.

Ruiz-de-Medina, Juan S.J. 1999. El neologismo “dōjuku”, datos historicos. Archivum Historicum Societatis Iesu, v. 68, n. 135. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, p. 183-196.

Ruiz-de-Medina, Juan. 2001. Gago, Baltasar. In O'Neill, Charles E. S.J. - Domínguez, Joaquín M.^a S.J. (Orgs.). Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús biográfico-temático, II. Roma-Madrid: Institutum Historicum SJ-Universidad Pontificia Comillas, p. 1549-1550.

Russo, Mariagrazia. 2011. Manoscritti di interesse portoghese nella Biblioteca di Cristina di Svezia. In Pifferi, Stefano - Capitoni, Cinzia (a cura di). Libri di viaggio, libri in viaggio. Studi in onore di Vincenzo De Caprio. Viterbo: Sette Città, p. 439-458.

Russo, Mariagrazia - Pelliccia, Carlo. 2015. Rifrazione del culto mariano in Estremo Oriente: intenti e finalità religiose nella traduzione giapponese delle Cantigas de Santa Maria attribuita al gesuita Manuel Barreto (1564-1620). In Graziani, Michela (a cura

di), trasparenze e rifrazioni. L'Oriente nella poesia di lingua portoghese moderna e contemporanea. Miscellanea di saggi, Firenze 10-11 Aprile 2014. Roma: Società Editrice Dante Alighieri, p. 77-100.

Schrimpf, Monika, 2008. The Pro- and Anti-Christian Writings of Fukan Fabian (1565-1621). *Japanese Religions*, v. 33, n. 1&2. Kyōto: NCC Center for the Study of Japanese Religions, p. 35-54.

Schwemmer, Patrick. 2014. My Child *Deus*. Grammar versus Theology in a Japanese Christian Devotional of 1591. *Journal of Jesuit Studies*, v. 1, n. 3. Leiden: Brill, p. 465-482.

Schütte, Josef Franz S.J. 1940. Christliche japanische Literatur, Bilder und Druckblätter in einem unbekanntem vatikanischen Codex aus dem Jahre 1591. *Archivum Historicum Societatis Iesu*, v. 9, n. 2. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, p. 226-280.

Silva, Maria Manuela - Álvares, José Marinho. 1986. Contribuição portuguesa para o estudo da língua japonesa. In *Ensaio Luso-Nipónicos*. Lisboa: Imp. A. Coelho Dias. p. 11-24.

Stanlaw, James. 2004. *Japanese English: Language and Culture Contact*. Hong Kong: Hong Kong University Press.

Thomaz, Luis Filipe F.R. 2010. Influências Asiáticas no Vocabulário Português. In Tocco, Valeria (a cura di). *L'Oriente nella lingua e nella letteratura portoghese*. Pisa: Edizioni ETS, p. 95-121.

Tomás, Maria Isabel. 2008. A viagem das Palavras. In Ferreira, Mário Lages - Matos Artur Teodoro de (Orgs.). *Portugal: percursos de interculturalidade, III (Matrizes e Configurações)*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, p. 431-458.

Tollini, Aldo. 1997. Alcune considerazioni sulla lingua del *Dochiirina Kirishitan* (1591), il primo catechismo per i giapponesi. In *Atti del XX Convegno di Studi dell'Associazione Italiana per gli Studi Giapponesi*, Sassari-Alghero 26-28 settembre 1996. Venezia: Aistugia, p. 325-359.

Ward, Haruko Nawata. 2015. Images of the Incarnation in the Jesuit Japan Mission's Kirishitanban Story of Virgin Martyr St. Catherine of Alexandria. In Melion, Walter S. - Wandel, Lee Palmer (eds.). *Image and Incarnation: The Early Modern Doctrine of the Pictorial Image*. Leiden-Boston: Brill, p. 489-509.

Zwartjes, Otto. 2011. *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.